



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 09/03/2018 a 15/03/2018

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ e aluna do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e ADM – Administração UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
09/03/2018	10,29	371,70	31,42	4,89	3,83
12/03/2018	10,33	369,80	31,56	4,89	3,84
13/03/2018	10,40	372,30	32,02	4,85	3,85
14/03/2018	10,28	368,30	31,78	4,95	3,83
15/03/2018	10,40	371,00	32,06	4,78	3,86
Média	10,34	370,62	31,77	4,87	3,84

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado de lotes brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	75,75	-0,13
RS - Santa Rosa	75,25	-0,13
RS - Ijuí	75,25	-0,13
PR - Cascavel	72,50	-0,28
MT - Rondonópolis	69,10	-0,43
MS - Ponta Porá	69,16	0,82
GO - Rio Verde (CIF)	67,10	-2,19
BA - Barreiras (CIF)	68,40	0,15
MILHO		
Argentina (FOB)**	191,80	3,01
Paraguai (FOB)**	180,00	21,21
Paraguai (CIF)**	214,00	17,91
RS - Erechim	40,80	12,71
SC - Chapecó	40,10	8,67
PR - Cascavel	38,50	8,45
PR - Maringá	38,90	7,76
MT - Rondonópolis	28,80	5,11
MS - Dourados	31,70	9,69
SP - Mogiana	41,30	2,74
SP - Campinas (CIF)	43,71	4,47
GO - Goiânia	35,90	6,21
MG - Uberlândia	36,35	5,06
TRIGO (***)		
RS - Carazinho	545,00	0,00
RS - Santa Rosa	545,00	0,00
PR - Maringá	708,00	1,14
PR - Cascavel	707,00	4,74

Período entre 09/03/2018 a 15/03/18

ND = Não Disponível.

(*) Valor de compra no dia 04/10/2017.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras
& Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por
tonelada

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 15/03/2018**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	29,97	69,58	30,34

Fonte: CEEMA, com base em informações da
EMATER-RS.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
15/03/2018**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	34,88
Feijão (saco 60 Kg)	131,43
Sorgo (saco 60 Kg)	20,33
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,20
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	0,94
Boi gordo (Kg vivo)*	4,86

(*) compreende preços para pagamento em
10 e 20 dias

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da
EMATER

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja encontraram um limite em suas altas desde sexta-feira passada (09/03) quando o bushel em Chicago, para o primeiro mês cotado, recuou para US\$ 10,29, após ter atingido a US\$ 10,66 no dia 05/03. Na semana que se seguiu a este movimento, o mercado oscilou bastante. Neste sentido, o fechamento desta quinta-feira (15) ficou em US\$ 10,40/bushel, contra US\$ 10,28 na véspera (lembrando que no dia 15/03 o primeiro mês cotado passou a ser maio). Vale destacar igualmente que o farelo de soja recuou em Chicago no período, fechando o dia 14/03 em US\$ 368,30/tonelada curta, após ter atingido US\$ 394,00 no dia 1º de março.

Dois foram os principais motivos para este movimento de freada no ímpeto altista. O primeiro está relacionado ao clima na Argentina, onde o anúncio de chuvas mais consistentes a partir da quarta-feira (14), e principalmente neste próximo final de semana, sobre a região produtora de soja poderá aliviar o estresse hídrico e causar alguma recuperação na produção do vizinho país, revertendo um pouco a quebra prevista. O segundo motivo esteve na ação dos Fundos que, diante do litígio comercial causado por Trump ao anunciar tarifas aduaneiras sobre as importações de aço e alumínio, venderam parte de suas posições compradas em Chicago. Mesmo assim, tais Fundos ainda estão muito comprados, podendo haver novas baixas no bushel caso o quadro de chuvas se confirme na Argentina.

Aliás, neste sentido vale destacar que as primeiras lavouras colhidas na Argentina indicam uma produtividade acima do esperado, o que surpreende o mercado. Agora é esperar para ver se, com a continuidade da mesma, esta produtividade se tornará uma tendência ou é apenas algo fora da curva (cf. AgResource).

Soma-se a isso, como já havíamos alertado, o fato de que o mercado começa a ficar mais atento às intenções de plantio dos produtores estadunidenses. O anúncio oficial sai no dia 29/03, porém, analistas privados já estão avançando seus prognósticos. Neste sentido, a consultora Allendale apontou, durante a semana, que a área a ser semeada com soja nos EUA alcançará um novo recorde histórico, devendo bater em 37,3 milhões de hectares. Tal área é maior do que os primeiros indicativos oficiais (Fórum Outlook de fevereiro), que apontavam 36,4 milhões de hectares.

Por outro lado, muitos países já teriam iniciado medidas de retaliação ao protecionismo sobre o aço e o alumínio, imposto pelos EUA, o qual começa a vigorar neste dia 23/03. Dentre estes países está a China, a maior importadora de soja do mundo, fato que deixa Chicago em estado de alerta (é importante dizer que uma retaliação chinesa neste campo tende a favorecer as exportações de soja brasileira e argentina, podendo aumentar o prêmio em nossos portos de embarque).

Dito isso, em termos internacionais preocupa o fato de os Fundos estarem em posição comprada recorde junto aos contratos de soja. Qualquer sinal mais consistente de baixa no mercado da oleaginosa poderá provocar um efeito de vendas intempestivo nesta próxima quinzena.

O que pode impedir tal movimento será o clima na Argentina e o real potencial de recuperação de suas lavouras caso as chuvas de fato se confirmem, assim como a não confirmação de um aumento na área a ser semeada com soja nos EUA. Além disso,

diante da nova posição comercial estadunidense, o dólar perde força no cenário mundial, favorecendo as exportações. Neste primeiro trimestre de 2018 a moeda norte-americana vê seu índice operar nos mais baixos níveis desde o final de 2014.

No Brasil, o câmbio permaneceu estável, oscilando entre R\$ 3,24 e R\$ 3,26 por dólar em boa parte da semana. Com isso, os preços internos da soja arrefeceram seus movimentos de alta, embora ainda permaneçam em patamares consistentes.

Neste sentido, o balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 69,58/saco. No ano passado, nesta mesma época, seu valor era de R\$ 63,83/saco. Já os lotes fecharam a semana na média de R\$ 74,00 a R\$ 74,50/saco, contra R\$ 67,50 a R\$ 68,50 um ano antes. Nas demais praças nacionais, o saco de soja fechou a semana nos seguintes valores (entre parênteses o valor registrado um ano antes): no centro e norte do Paraná, R\$ 72,00 (R\$ 65,50/R\$ 66,00); no Nortão do Mato Grosso (Sorriso), R\$ 61,50 (R\$ 56,70); em São Gabriel e Chapadão do Sul (MS), R\$ 64,00 (R\$ 57,50); em Goiatuba (GO), R\$ 64,00 (R\$ 59,50); em Pedro Afonso (TO), R\$ 67,00 (R\$ 62,30); e em Uruçuí (PI), R\$ 71,00/saco (R\$ 62,80). Portanto, os ganhos na atualidade, em relação ao ano passado, giram entre R\$ 6,00 a R\$ 10,00/saco dependendo da região do país. Isso significa 9% a 13% a mais pelo saco de soja, superando em muito a inflação oficial do período que está ao redor de apenas 2,8%.

Não há dúvida que estamos diante de uma janela de oportunidade para a comercialização da presente safra, pois a tendência parece ser de a mesma estar começando a se fechar.

Enfim, quanto a colheita de soja o Brasil alcançava 46% da área em 09/03, contra 56% um ano antes e 50% na média histórica. O Rio Grande do Sul estava com 2% colhidos; o Paraná com 49%; o Mato Grosso com 83%; o Mato Grosso do Sul com 59%; Goiás com 55%; São Paulo com 41%; Minas Gerais com 43%; Bahia com 20%; e Santa Catarina com 7% (Mato Grosso, São Paulo, Minas Gerais e Bahia registrando um percentual colhido superior à média histórica, enquanto os demais Estados estão abaixo da mesma) (Safras & Mercado).

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 22/02/2018 a 15/03/2018.

Gráfico da Variação das Cotações do GRÃO DE SOJA entre 22/02/2018 e 15/03/2018 (CBOT)

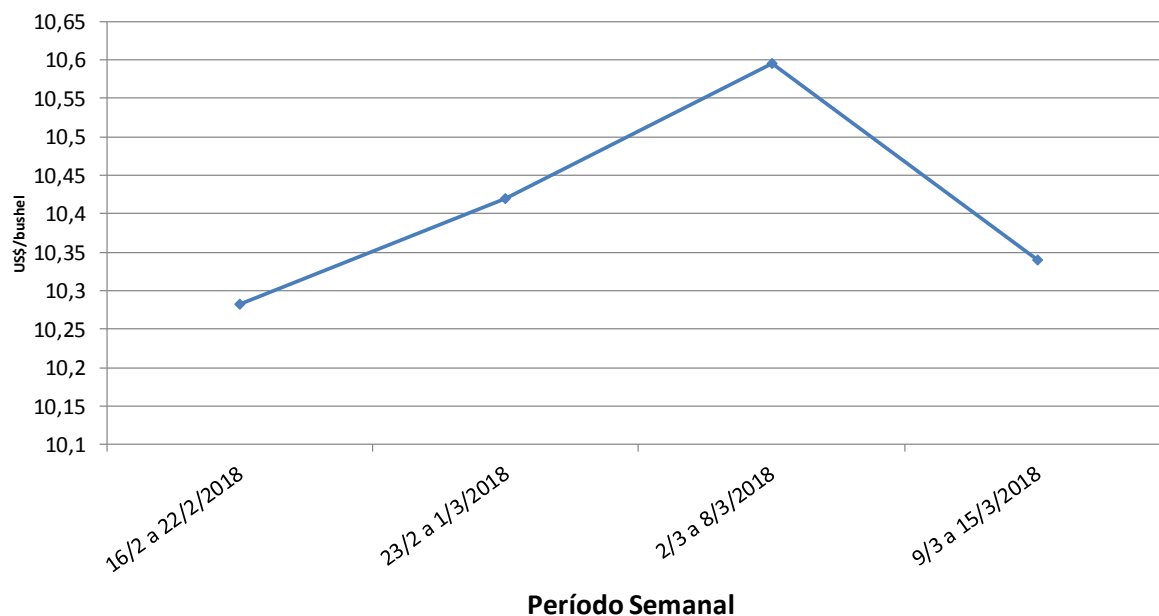
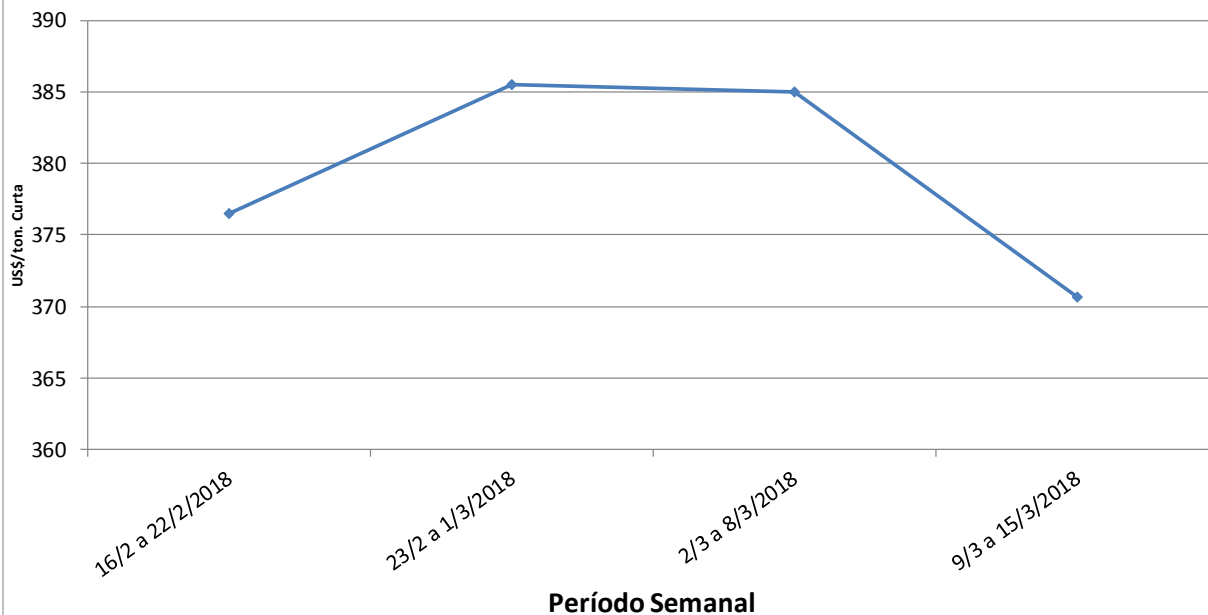
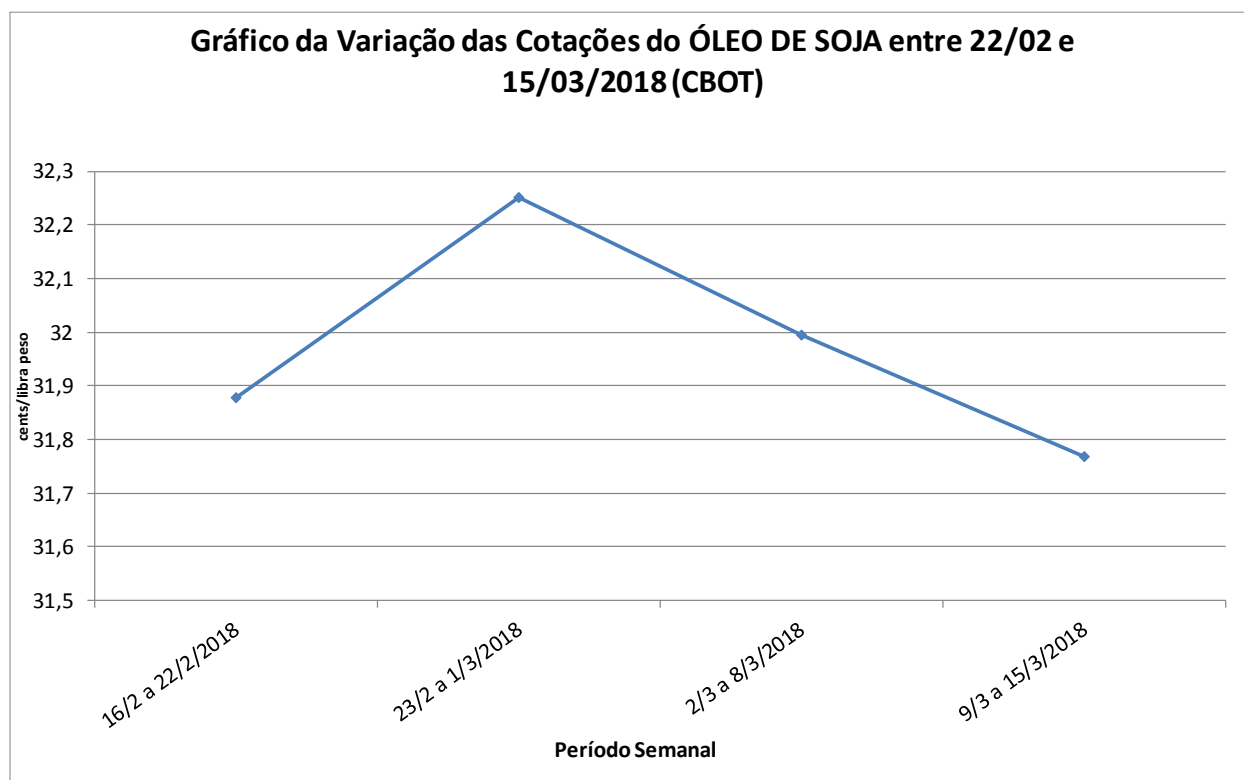


Gráfico da Variação das Cotações do FARELO DE SOJA entre 22/02 e 15/03/2018 (CBOT)





MERCADO DO MILHO

Em Chicago, o bushel de milho operou estável durante esta semana, fechando a quinta-feira (15) em US\$ 3,86, contra US\$ 3,85 uma semana antes.

As boas exportações do cereal por parte dos EUA, as quais atingiram a 1,38 milhão de toneladas na semana passada, ajudaram a segurar as cotações, apesar do recuo ocorrido na soja. Além disso, o quadro climático na Argentina preocupa o setor, já que informações privadas dão conta de uma quebra no milho bem maior do que o até agora anunciado oficialmente. Até o final desta semana cerca de 10% da área semeada no vizinho país havia sido colhida.

Neste contexto, a tonelada FOB do cereal voltou a subir, fechando a semana em US\$ 191,00, enquanto no Paraguai a mesma já bate em US\$ 192,50.

Aqui no Brasil, os preços voltaram a subir um pouco mais. O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 29,97/saco. No ano passado, nesta mesma época, o mesmo estava valendo R\$ 23,99/saco. Portanto, há um ganho de quase R\$ 6,00/saco em um ano, ou seja, quase 25%. Quanto aos lotes, os mesmos atingiram a R\$ 41,00/saco na região de Erechim (norte do Estado do Rio Grande do Sul). Nas demais praças nacionais, os lotes variaram entre R\$ 22,00/saco em Sorriso e Campo Novo do Parecis (MT) e R\$ 42,00/saco em Itahandu (MG), passando por R\$ 41,50 em Videira (SC). Um ano antes estas regiões praticavam os seguintes valores: R\$ 27,50 em Erechim; R\$ 21,50 a R\$ 22,00 no Nortão do Mato Grosso; R\$ 34,50 em Itahandu (MG); e R\$ 28,50/saco em Videira (SC). Nota-se, portanto, que o forte do aumento no preço do milho se encontra nos Estados importadores, caso do Rio Grande do Sul e Santa

Catarina, os quais, inclusive, não possuem safrinha. Afinal, a forte redução na área semeada, associada a quebras localizadas na safra de verão atual, estão pressionando tais mercados.

Já em São Paulo, a tendência do mercado pouco se alterou em relação a semana passada. O mercado local continua com preços elevados pela retração nas vendas por parte dos produtores, com a Sorocabana registrando R\$ 38,00, enquanto o referencial Campinas se manteve entre R\$ 42,00 e R\$ 42,50/saco no CIF.

Diante de tal quadro algumas indústrias acenam com a possibilidade de importação do cereal, embora os valores nos vizinhos países do Mercosul igualmente tenham subido muito nos últimos dias, além da confirmação de quebras de safra.

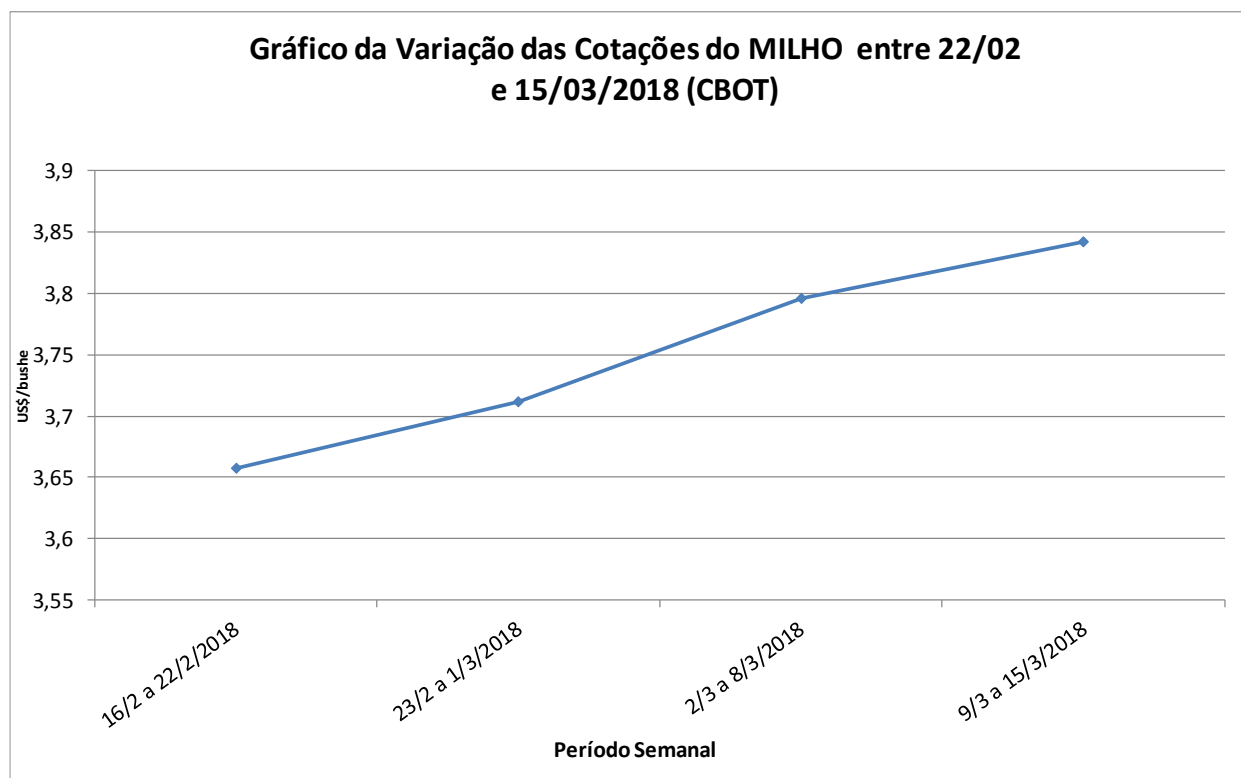
Se não fosse o grande estoque de passagem oriundo do ano passado, os preços do milho estariam ainda mais elevados no atual contexto. Por sua vez, os leilões do governo pouco tem ajudado, se caracterizando apenas como ações de remoção de milho para venda à pequenos consumidores regionais (cf. Safras & Mercado).

Na prática, estoques de milho existem no centro do país. A questão é quando o produtor irá vendê-los já que sua estratégia de segurar o produto vem dando resultados. Neste contexto, o desenvolvimento da safrinha é que ditará o futuro do preço do milho no país.

Dito isso, a colheita do milho de verão, até o dia 09/03, no Centro-Sul brasileiro atingia a 45% da área total, contra 44% no ano anterior. O Rio Grande do Sul havia colhido 78%, São Paulo 64%, Mato Grosso do Sul 55%, Santa Catarina 51%; Paraná 31%, Goiás/DF e Mato Grosso 28%, e Minas Gerais 12%. Minas Gerais, Goiás/DF e o Paraná apresentam considerável atraso na mesma até a data indicada (Safras & Mercado).

Quanto ao plantio da atual segunda safra (safrinha), o mesmo atingia, até o dia 09/03, a 83% no Centro-Sul brasileiro, contra 87% um ano antes. Mato Grosso estava com 93%, Goiás com 82% e o Paraná com 76% da área semeada (Safras & Mercado).

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 22/02/2018 a 15/03/2018.



MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago se mantiveram muito próximas dos US\$ 5,00/bushel durante boa parte desta semana, porém, no fechando do dia 15/03 (quinta-feira) houve recuo, com o primeiro mês cotado (agora o mês de maio) ficando em US\$ 4,78/bushel, após US\$ 4,94 uma semana antes.

Chicago acabou assistindo a um movimento de correção técnica que impediu o bushel de voltar a superar os US\$ 5,00. Ao mesmo tempo, analistas estadunidenses consideram que a forte alta ocorrida nas últimas semanas vem tirando competitividade do trigo estadunidense, pois os compradores estariam dando preferência ao trigo russo, neste momento mais barato.

Dito isso, o clima seco e ruim nas Planícies dos EUA mantém pressão altista sobre o mercado já que a tendência é de quebra na safra local, a qual irá se somar ao baixo volume colhido no ano anterior devido ao recuo na área semeada. Neste sentido, o relatório de plantio dos EUA, previsto para o dia 29/03, será importante para dar uma definição a este mercado.

No Mercosul, a tonelada de trigo FOB para exportação passou para valores entre US\$ 190,00 e US\$ 200,00.

Aqui no Brasil, os preços do trigo voltaram a melhorar um pouco mais, registrando, finalmente, o quadro de pouca oferta interna devido a péssima produção do inverno passado e a possível redução de área semeada neste ano. Assim, o balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 30,34/saco (no ano passado nesta época estava em R\$ 28,13). Já os lotes se mantiveram em R\$ 31,40/saco. No Paraná, o balcão conservou

valores entre R\$ 34,00 e R\$ 36,00/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 40,80 e R\$ 42,00/saco. Em Santa Catarina o balcão permaneceu entre R\$ 32,00 e R\$ 33,00/saco, enquanto os lotes ficaram em R\$ 35,40/saco.

Como se sabe, a oferta é escassa no mercado brasileiro, no que diz respeito ao produto nacional e de boa qualidade. Quem possui trigo bom está segurando o produto e, com isso, os preços começam a se movimentar para cima, confirmando a tendência. Por outro lado, o Paraguai igualmente sofreu com as intempéries sobre o trigo, deixando o abastecimento externo ao Brasil praticamente nas mãos da Argentina, a qual obteve excelente produção. Neste sentido, com o câmbio estável no Brasil, as paridades de importação junto ao vizinho país continuam favoráveis ao trigo importado, porém, os preços na Argentina já começaram a subir.

No Paraná, enquanto o leste do Estado sofre com a concorrência do produto importado, pela proximidade do porto de Paranaguá, o oeste paranaense se vê diante da escassez de produto, já que o custo do frete torna o produto mais caro, além de o abastecimento procedente do Paraguai estar comprometido pela quebra de safra igualmente neste país. Esta realidade permite um viés de alta no momento, o qual se estabelece também no Rio Grande do Sul, onde a quebra da safra passada superou os 50%, sem falar na perda de qualidade do produto.

Dito isso, a recuperação dos preços tende a ser lenta e, talvez, não vá longe caso o câmbio permaneça nos atuais níveis no Brasil. Além disso, os preços da farinha de trigo, no mercado local, recuam devido as dificuldades de comercialização no mercado interno brasileiro (consumo ainda muito retraído).

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 22/02/2018 a 15/03/2018.

